

**ESTRATÉGIAS  
UTILIZADAS POR TRADUTORES INEXPERIENTES  
E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO**

*Duí Barroso Lima Farias* (UFRR/UFRJ)  
[duimsc@gmail.com](mailto:duimsc@gmail.com)

*Ângela Maria da Silva Corrêa* (UFRJ)  
[angcorr@superig.com.br](mailto:angcorr@superig.com.br)

**RESUMO**

Esta pesquisa propõe observar a partir de uma atividade de tradução, a imagem que o sujeito constrói em seu discurso, bem como e as estratégias utilizadas no momento em que os informantes (professores, engenheiros agrônomos e alunos), na categoria de tradutores inexperientes, traduzem textos específicos da área agrícola no par linguístico espanhol- português. Sabemos, portanto que no momento da tradução, o leitor se apoia na língua materna e utiliza de seus conhecimentos para traduzir o texto, mas é possível perceber que em alguns momentos interrompem a atividade por falta de compreensão. É importante salientar ainda, que dentro deste contexto existe um contrato tradutório e ainda um contrato de fidelidade, onde existem ligações estabelecidas entre o autor e o tradutor na produção deste texto. Côrrea (1991, p. 9), em sua tese de doutorado, defende que o tradutor atua não apenas como sujeito interpretante, mas também como sujeito analisante, onde seu compromisso vai além da leitura, pois necessita também de outros dados para relacionar e analisar o texto, a ativação de outros conhecimentos: histórico, social, econômico, cultural. Partindo desta visão, buscamos analisar como é realizada esta atividade, e ainda, de que maneira os informantes se constroem dentro do discurso ao realizar esta tarefa tradutória.

**Palavras-chave:**

Tradução. Tradutologia. Tradutor. Sujeito do discurso. Sujeito no discurso.

Esta pesquisa propõe observar a partir de uma atividade de tradução, a imagem que o sujeito constrói em seu discurso, bem como e as estratégias utilizadas no momento em que os informantes (professores, engenheiros agrônomos e alunos), na categoria de tradutores inexperientes, traduzem textos específicos da área agrícola no par linguístico espanhol- português. Sabemos, portanto que no momento da tradução, o leitor se

apoia na língua materna e utiliza de seus conhecimentos para traduzir o texto, mas é possível perceber que em alguns momentos interrompem a atividade por falta de compreensão. É importante salientar ainda, que dentro deste contexto existe um contrato tradutório e ainda um contrato de fidelidade, onde existem ligações estabelecidas entre o autor e o tradutor na produção deste texto. Côrrea (1991, p. 9), em sua tese de doutorado, defende que o tradutor atua não apenas como Sujeito Interpretante, mas também como sujeito analisante, onde seu compromisso vai além da leitura, pois necessita também de outros dados para relacionar e analisar o texto, a ativação de outros conhecimentos: histórico, social, econômico, cultural. Partindo desta visão, buscamos analisar como é realizada esta atividade, e ainda, de que maneira os informantes se constroem dentro do discurso ao realizar esta tarefa tradutória. Ao tentarmos refletir sobre os mecanismos da tradução, estaremos lidando também com questões fundamentais sobre a natureza da linguagem, pois traduzir implica ao mesmo tempo um processo de compreensão e um processo de produção no âmbito da linguagem.

### **1. O percurso da atividade tradutória**

É a tradução que abre a janela para deixar a luz entrar; que quebra a casca, a fim de podermos comer a polpa; que abre a cortina, a fim de podermos olhar o lugar mais sagrado; que remove a tampa do poço a fim de podermos tirar a água... (John Milton)

A tradução atualmente vem sendo objeto de pesquisas, críticas e discussões acadêmicas, e nesse viés o papel do tradutor merece destaque no momento em que realiza sua atividade. Logo, tem-se em mente que traduzir é passar um texto de uma língua para outra, mantendo a fidelidade que o autor quis dizer, se o léxico foi bem escolhido, as relações com o texto original e suas várias interpretações. Nesse caso, sabemos que o texto traduzido será diferente do original apesar de ser produzido com base nele, pois cada um que traduz no momento em que produz a voz do autor sob sua visão, traz à tona diversos conhecimentos, pensamento e escolhas próprias.

Toury (1980) em seu artigo “*In search of a theory of translation*” ressalta que o processo de tradução é diferente de outros processos semióticos em virtude da dupla natureza da entidade resultante, ou seja, “a entidade resultante de qualquer outra operação de transferência difira da entidade inicial do mesmo processo” (p. 12), sendo que ambas as entida-

des tem também que possuir algo em comum: o que será transferido que ele denomina “invariante”. Logo, o autor denomina esta invariante na relação estabelecida entre dois textos: adequação, equivalência, correspondência. Outro ponto que também é importante levantar é quando, por exemplo, está diante da atividade tradutória comparar os textos para “verificar se a tradução está situada em um ponto mais próximo do “polo-fonte” (“adequação”) ou do “polo-meta” (“aceitação”)”.

Na perspectiva de Jakobson (1959), o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por outro signo que lhe pode ser substituído, melhor dizendo, um signo que seja desenvolvido de modo mais completo. Para tanto, propôs três espécies de tradução e sua classificação:

1. A tradução intralingual ou reformulação que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros.
2. A tradução interlingual ou tradução propriamente dita que consiste na interpretação destes signos verbais por meio de alguma outra língua.
3. A tradução intersemiótica ou transmutação que consiste na interpretação destes signos por meio de sistemas de signos não verbais.

Em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical, porque a definição de nossa experiência está numa relação complementar com operações metalinguísticas.

Eco (2007, p. 17) nos propõe a definição de que “traduzir quer dizer entender o sistema interno de uma língua, a estrutura de um texto dado nessa língua e construir um duplo sistema textual.” E dentro deste contexto é válido ressaltar que existe o conceito de fidelidade ao texto traduzido tem a ver com a persuasão de que a tradução é uma das formas de interpretação no momento em que o sujeito encontra a intenção do texto em relação à língua que é expresso.

Passamos então a uma concepção discursiva da tradução (CORREIA, 1991 e 1996; DELISLE, 1984) ressalta a existência de várias traduções fiéis e não somente uma. Pois, o tradutor é inicialmente o leitor de um texto de partida que no caso é o espanhol, sendo que sua tradução depende de sua leitura e interpretação deste texto.

No momento da leitura, o tradutor estabelece relações que estão envolvidas durante a tarefa denominado contrato tradutório que este está atrelado a sujeitos envolvidos, fidelidade ao texto e localização. Logo, contrato de tradução (CÓRREA, 1996) envolve uma fase de compreen-

são, interpretação do TLP e uma fase de produção do TLC.

Considerando a abordagem da tradução pretendemos entender, mediante a observação do comportamento tradutório dos informantes, como um texto de uma área específica (agrícola) descontextualizado no que diz respeito às suas circunstâncias de produção é traduzido por tradutores inexperientes para português mantendo um contrato comunicativo entre o Texto de Partida (que passarei a chamar TLP) em relação ao Texto de Chegada (que passarei a chamar TLC).

## **2. O lugar do sujeito na teoria discursiva**

A nosso ver, a linguagem é constantemente construída dentro de uma sociedade através das práticas sociais, culturais, linguísticas vivenciadas dentro de uma situação de comunicação. Trata-se de um sistema complexo em que vários elementos se relacionam para que tenha sentido dentro do discurso. Assim, durante estas trocas no âmbito da linguagem participam sujeitos que de acordo com o lugar que se encontram, desempenham uma função.

Charaudeau (2009, p. 52) considera o sujeito como o lugar de produção da significação languageira, é um lugar de produção/interpretação da significação. De acordo com o lugar que ele ocupa, são denominados como protagonistas (sujeito enunciador e sujeito destinatário) e como parceiros (sujeitos comunicantes e interpretantes). O ato de linguagem e os sujeitos serão assim representados:

Em relação ao discurso, Corrêa (1991, p. 9) descreve em sua tese, as relações existentes entre os participantes de um ato de comunicação. Entende-se então o ato de linguagem como o lugar de encontro imaginário entre o processo de produção e interpretação da linguagem que enfoca quatro sujeitos:

Logo, o sujeito comunicante – produz uma mensagem e uma imagem de um sujeito destinatário que pode ser ou não a mesma que o Tu interpretante produz de si. Sujeito interpretante – recebe o discurso do locutor (do sujeito comunicante), o interpreta e manifesta sua opinião sobre o que foi dito. Sujeito enunciador – é a imagem que o Tu interpretante faz sobre o sujeito comunicante, a partir do dizer produzido por este último.

Assim, a encenação do ato de linguagem resulta da combinação

do fazer e do dizer. No circuito externo encontramos dois sujeitos sociais: Eu comunicante – responsável pela produção do discurso e Tu interpretante – responsável pela interpretação deste discurso. No circuito interno encontramos dois sujeitos discursivos: Eu enunciador – representa a imagem construída de si próprio e que o outro possui sobre ele e Tu destinatário – representa a imagem que o emissor faz sobre o Tu. Em relação ao esquema percebemos que, quando se trata de atos de linguagem integrantes do texto escrito, tanto o autor quanto o leitor desempenham papel fundamental no discurso.

Para estabelecer as relações entre os sujeitos no ato da linguagem no interior de uma situação de comunicação, o sujeito comunicante (Eu<sub>c</sub>) fará o uso de contratos e estratégias. (CHARAUDEAU, 2009, p. 56). A noção de contrato, central na teoria discursiva, pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras destas práticas. E após estabelecer um contrato, este sujeito utiliza estratégias discursivas para organizar, perceber, persuadir o sujeito interpretante. Assim, o Eu<sub>c</sub> espera ser compreendido pelo Tu<sub>i</sub> ao traçar estratégias em seu processo de comunicação.

Conforme este autor, todo ato de linguagem realiza-se dentro de um tipo específico de relação contratual, implicitamente reconhecido pelos sujeitos, e que define, por um lado, aspectos ligados ao plano situacional, a identidade dos parceiros, seus objetivos, o assunto de que falam, em que circunstâncias materiais e, por outro, aspectos relativos ao plano comunicacional e discursivo, as maneiras de dizer e as estratégias discursivas pertinentes. Quando pensamos num contrato de comunicação já se espera que os sujeitos (professores) possuam e demonstrem um conhecimento e uma identidade profissional específica da área, que esse participante tenha como objetivo transmitir seus conhecimentos aos sujeitos aos quais se dirigem para atingir seus objetivos didáticos, que é um texto traduzido para ser utilizado em sala pelos seus alunos e que este seja compreendido. Agora, quando se trata de outro grupo que são os alunos de graduação, este contrato já passa a ser estabelecido de outra forma, pois este grupo traduz um texto que foi solicitado e que não tem um público explicitado, e utiliza de conhecimentos da língua espanhola e outros utilizados em seu processo de formação acadêmica, de modo que o texto traduzido seja lido pela pesquisadora que também é especialista na língua em questão.

### 3. O *ethos*, uma estratégia do discurso

Com o objetivo de observar e refletir sobre as práticas discursivas e imagem que os tradutores constroem na atividade proposta de tradução. Temos como base neste capítulo, a discussão da noção de *ethos*, para depois passar ao estudo das estratégias discursivas e suas relações, estabelecendo qual é o papel atribuído a si e o lugar que o sujeito se coloca na situação.

Conforme Amossy (2011, p. 9). “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si.” Com base na visão da autora, a imagem que o sujeito constrói ao falar é fundamental na construção discursiva. O sujeito neste sentido pode-se valer de um universo de crenças e conhecimentos, além dos recursos linguísticos a que tem acesso. Dessa maneira, se consideramos a existência de uma imagem anterior ao discurso e se, durante o ato de linguagem, o sujeito é avaliado pelo outro em relação ao que diz e ao que é, os conhecimentos prévios e os estereótipos que são frutos das representações sociais contribuem de forma decisiva na construção dessa imagem. Isto porque ela é tomada segundo os modelos culturais, segundo o estoque de imagens de uma sociedade dada. Assim, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato e nem fale de si, através de sua competência linguística constrói sua própria imagem.

O termo *ethos* vem do grego e significa “personagem”. Aristóteles, um dos primeiros a usar o termo, entende-o como sendo a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário (destinatário, coenunciador). Maingueneau (2008, p. 13) afirma que

escrivendo sua *Retórica*, Aristóteles pretendia apresentar uma *techné* cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para tal ou qual indivíduo, mas para tal ou qual tipo de indivíduos. A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança.

Este conceito é utilizado em algumas perspectivas teóricas, entre elas a retórica, a pragmática e a análise do discurso (AD). Na perspectiva da AD, em especial nos trabalhos de Maingueneau (1997, 2005, 2008), o enunciador deve legitimar seu dizer; em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. A palavra vem de alguém que, por meio dessa palavra, demonstra possuir determinadas características. Por meio do discurso, o enunciador faz sentir certo comportamento. Isto é, por meio do que o sujeito fala que é revelado sua

personalidade.

Isto é, “por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador” (MAINGUENEAU, 2005, p. 98). Ao tratar da noção, este autor propõe um esquema, aqui reproduzido, para que se entenda a construção de um *ethos* efetivo. Participam desse processo, as noções de *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo, dividido entre *ethos* dito e *ethos* mostrado, e a de estereótipos sociais. O *ethos* dito é aquele através do qual o enunciador mostra diretamente suas características, dizendo ser essa ou aquela pessoa, ao passo que o *ethos* mostrado é aquele que não é dito diretamente pelo enunciador, mas é reconstituído através de pistas fornecidas por ele no seu discurso. Maingueneau (2005b, p. 71) ainda observa: “se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode negar, no entanto, que o público constrói representações do *ethos* antes mesmo que ele (o enunciador) fale”. Assim, faz-se uma distinção entre o *ethos* pré-discursivo e o *etho* discursivo. O *ethos* pré-discursivo seria, portanto, a imagem que o coenunciador faz do enunciador, antes mesmo que este último tome a palavra para si.

Para refletirmos o comportamento do sujeito dentro da atividade tradutória, entendemos que para que o tradutor perceba as “razões diferentes” que lhe suscitem emoções diferentes, em termos de retórica, é preciso que construam, a partir da tradução, ou seja, o *ethos* discursivo de cada sujeito durante sua atividade enunciativa. Originário da retórica antiga, tanto a de substrato grego quanto romano, o conceito de *ethos* nunca foi claro e unívoco: na obra de Aristóteles, por exemplo, o termo recebe diferentes tratamentos na *política* e na *retórica*. Para a retórica grega, a *ethé* era entendido como as propriedades que os oradores conferiam a si próprio no desenrolar de seu discurso em praça pública, a *ágora*. Tais propriedades se revelavam na maneira de falar peculiar a cada um dos oradores. Ao lado dos conceitos de *logos* e de *pathos*, o *ethos* era então tido como uma das formas de se obter persuasão, segundo a retórica aristotélica. Neste sentido, o *ethos* seria percebido pelo ouvinte através das escolhas efetuadas pelo orador, a saber, escolhas linguístico-discursivas e estilísticas (mais ou menos intencionais).

Nesta perspectiva, significa dizer que para que o ouvinte percebesse a *ethé* daquele que detinha a palavra era preciso que estivesse atento à natureza verbal de seu discurso, pois seria pelo discurso que o palestrante mostraria “sua personalidade [...] através de sua maneira de se exprimir” (MAINGUENEAU, 1995, p. 138).

Diante disso, Charaudeau (2005) defende ainda a posição de que a partir do momento em que o *ethos* está relacionado às representações sociais, ele pode estar ligado aos indivíduos e também a grupos, a ponto de refletir uma visão global. A partir disso é possível pensar em um *ethos* coletivo, concernente a um grupo e em um *ethos* individual, relacionado a um sujeito apenas.

Ao discorrer sobre essa questão, o autor citado ressalta que “o orador deve mostrar [seus traços de personalidade] ao auditório (pouco se importando com a sinceridade) para causar a boa impressão”. Pois, o *ethos* está ligado às palavras, ao papel que constitui o discurso, não é propriedade única do locutor “é antes de tudo a imagem que reveste o interlocutor a partir de que o locutor diz” (p. 115). E ainda, é o olhar do outro sobre aquele que fala e o olhar daquele que fala sobre como o outro o vê.

Assim, dentro da encenação linguageira onde os indivíduos participam e se constroem pelo seu discurso, são apresentados alguns *ethé*, dos quais destaco os seguintes: O *ethos* de credibilidade: esta qualidade está ligada à identidade social do sujeito, se desenvolvem de uma maneira que as pessoas acreditam que aquele sujeito é digno de crédito. O *ethos* de virtude: Neste caso, supõe que o sujeito demonstre sinceridade e fidelidade, construindo assim, uma imagem de honestidade pessoal. De maneira geral, o *ethos* de virtude vem acompanhado de uma atitude de respeito para com o outro, o professor, no caso dessa pesquisa deve ser transparente e direto no momento em que traduz um texto para seus alunos, por outro lado, os acadêmicos de letras demonstram segurança e foco de traduzir dentro das normas, pois estão concluindo um curso de letras. O *ethos* de competência: Este *ethos* exige saber e habilidade ao mesmo tempo, melhor dizendo, o sujeito tem que ter habilidade no que sabe, o domínio das palavras e conhecimentos técnicos e da língua e seus vários aspectos de forma que possa realizar completamente seus objetivos para ter êxito e resultados positivos. O *ethos* de inteligência: Este faz parte dos *ethé* de identificação “na medida em que pode provocar a admiração e o respeito dos indivíduos por aquele que demonstra tê-lo e assim o faz aderir a ele”. Neste caso, o sentido da inteligência ser considerada como um imaginário coletivo da maneira que um grupo social a valoriza. Aqui não se trata somente da maneira como ele fala e sim do que pode servir como aprendizado em sua trajetória.

O importante é entender que a noção de *ethos* não se aplica somente à oralidade, como na retórica, onde na escrita também percebemos a voz e um corpo enunciativo que se manifestam criando uma entidade

enunciativa. Nesse sentido, as noções e conceitos tratados aqui são aplicáveis à minha pesquisa com base na análise proposta a partir de um viés discursivo a partir do momento em que passamos a observar os sujeitos enunciativos. O ethos pareceu-me dentro das possibilidades pela AD a noção mais produtiva já que busco entender como a identidade destes enunciadores é construída no momento em que desenvolvem uma atividade de tradução.

#### **4. Análises dos dados**

A partir da técnica de coleta de dados intitulada Protocolo Verbal através da introspecção segundo Cavalcanti (1989), é um exame de processos mentais que promovem uma análise pelo sujeito de seu próprio processo de pensamento. À medida que este realiza uma tarefa, verbaliza como estão sendo resolvidos os problemas em relação ao vocabulário e a compreensão das ideias do texto. Passamos agora para a análise de alguns excertos:

[vou procurar no dicionário só para ter mais trabalho né... deixa eu ver aqui ...]

[MACETA... recipiente de barro para cultivar plantas então aqui no texto esta palavra deixa eu ver aqui deixa eu ver aqui no texto se refere como uma vasilha que pode fazer tá utilizando ela para fazer um cultivo de uma hortaliça utilizando um processo orgânico para fazer de tuas vasilhas ou peças que você tem em casa né...]

Neste trecho, apesar de ter um problema de compreensão com a palavra MACETAS, o professor antes de buscar no dicionário diz que no caso dará mais trabalho, é como se ele quer mostrar que já sabe do que se trata, ou tem uma certa noção da palavra e seu significado. Esta expressão se repete mais vezes durante a atividade. Ele volta para colocar o significado dentro de um contexto e explica através de seu conhecimento linguístico. Aqui, ele tenta se construir dentro de seu discurso mostrando um *ethos* de virtude no qual ele mostra certa competência em sua área de formação, de profissão.

[A princípio, vou começar com uma leitura prévia do texto para acertar o conteúdo... Ao passo que eu vou fazendo a leitura, vou ver os termos que não são comuns ao meu cotidiano, ao meu contato certo... que vou buscando entender antes mesmo de procurar no dicionário, tento ver o contexto para saber o significado daquela palavra sem que necessite buscar meios externos, é, além de meu próprio léxico interior (...)]

Neste trecho de um tradutor aluno do curso de letras, deixa clara a segurança que ele tem em seu léxico, um *ethos* de credibilidade que é

mostrado no momento em que ele diz que por mais que se depare com um problema de compreensão, primeiramente buscará uma estratégia para resolvê-lo dentro de seu próprio conhecimento interno. Percebe-se neste excerto analisado o domínio do léxico da língua por parte do tradutor.

[Observando a parte morfológica do termo, HOGAREÑA lembra HOGAR, lar, na construção final dá a entender que é alguma coisa do lar, só que eu quero a definição o que realmente significa]...

Aqui neste trecho, por mais que o sujeito tradutor retome ao conhecimento linguístico estudado no decorrer do curso, ele precisa de algo mais para definir a palavra. Querer a definição quer dizer eu preciso estar mais fiel ao texto, à ideia do autor. Vale ressaltar ainda que o sujeito busca se construir como um estudante universitário do curso de letras, querendo ainda refinar o texto com uma preocupação sintática e semântica. Neste momento vêm à tona características do *ethos* de inteligência que busca uma valorização dentro de um grupo o qual faz parte.

[um buraco não fica muito feio, a ideia é fazer um pequeno buraco para colocar as sementes. Se eu traduzir do jeito que está fica estranho então é fazer... tem outra palavra para buraco?]

Quando o sujeito tradutor inexperiente procura fazer um refinamento do texto para se ter um produto final mais bem elaborado, visando um leitor imaginário, busca sinônimos para as palavras, de modo que mantenham sentido ao texto. Existe aqui presente características do *ethos* de virtude: Neste caso, supõe que o sujeito demonstre sinceridade e fidelidade, construindo assim, uma imagem de honestidade pessoal.

## **5. Considerações finais**

Após a observação das análises de alguns excertos, percebemos que os sujeitos participantes que são tradutores inexperientes (professores e alunos) estabeleceram dentro da atividade tradutória um contrato discursivo, no qual o primeiro grupo repetiu a atividade realizada por eles com a finalidade de produzirem um texto para ser utilizado em sala de aula por seus alunos e o segundo grupo traduziram o mesmo texto para um leitor que por eles foi estabelecido.

Assim, foi possível perceber que ao longo do fluxo tradutório, ao se deparar com problemas de tradução, buscavam estratégias para resolvê-los e dentro destas buscavam se construir em seu discurso e formar uma imagem de si mesmo. Logo, os alunos do curso de letras deixaram

vir à tona em vários momentos a figura do universitário, ao trazer conhecimentos aprendidos dentro do curso: linguístico, sintático, semântico dentre outros. Em contrapartida, o professor, mostrou que por ele ser da área técnica a qual o texto tratava ficou comum ao seu léxico também palavras em espanhol, no qual dentro do próprio contexto pode ser desvendada e completada no texto da língua de chegada.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. (Org.). Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 1. ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. *Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática*. Campinas: Unicamp, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coords. de trad.: Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

CORRÊA, Ângela Maria da Silva. *Erros em tradução do francês para português: do plano linguístico ao plano discursivo*. Tese de doutorado em linguística. Rio de Janeiro: Fac. de Letras da UFRJ, 1991.

ECO, Humberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro, 2007.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: BROWER, R. A. (Org.). *On Translation*, Harvard University Press, 1959.

MANGUENEAU, Dominique. A propósito do “ethos”. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.